



**casadesarmento**

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4810-241 Guimarães  
E-mail: [casa.sarmento@csarmento.uminho.pt](mailto:casa.sarmento@csarmento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)

Mal parecia encerrar esta ligeira mas comovidíssima homenagem ao nosso ilustre e saudoso consócio, sempre vivo em nossa amizade e gratidão, sem que alguém a ela se associasse, em nome dos actuais corpos gerentes da Sociedade Martins Sarmento, que a deliberaram e assim realizam com bem visível modéstia e profundo, indelével sentimento.

Foi curta a passagem na vida de João de Meyra. A sua falta, patente e notória, essa há de projectar-se e sentir-se por bem mais largos anos. Ele morreu precisamente na hora aziaga, a hora incerta da morte louca, assassina, quando o seu espírito floria e produzia na sciência, na arte, e na história.

Na medicina portugêsa estava preparado para igualar senão exceder um *Cabanès* e um *Nass*, na história vimaranense êle já marcara como um *Herculano* e um *José Caldas*, puderia ligar, na poesia, o lirismo de *João de Deus* à amargurada elevação da poesia *anterriana* e, na literatura, reatar a tradição de *Camilo* com os processos de *Flaubert* e a ironia artística de *Daudet*, marcando sempre e inconfundível a sua personalidade.

A sua morte não nos desperta sòmente o pranto. João era também um *homem de carácter* e daquela bondade que é feita de compreensão e ternura. A sua queda no tûmulo arrepela como um verdadeiro crime.

Tomara a vida a sério. Aos desoito anos embarcara para o mar largo da sciência e da arte com uma erudição rara, decidido a ser útil, honrando o seu nome e a sua terra. A vida não gosta de se ver tomada a sério.

Cá dentro, o João, nestas salas de biblioteca, nestes museus, nos nossos próprios corações, é, todos os dias, em cada um dia que passa, recordado, porque, a cada momento, como instinctivamente se repete — ah! se o João aqui estivesse!...

Hora incerta da morte louca, assassina...

EDUARDO D'ALMEIDA.